

# Artimanhas do *ethos*

**Ana Lúcia Magalhães**

O *ethos* tem sido objeto de minhas inquietações e, por isso, de muitas leituras. Considerando que são vários os autores que procuram explicá-lo, busquei, neste texto, promover a compreensão de alguns conceitos com destaque ao denominado *ethos* prévio, pré-discursivo ou imanente. Aristóteles, o sistematizador da retórica, afirma que o *ethos* é moldado pelas qualidades do orador, pelo seu discurso; Isócrates alega que uma linguagem bem cuidada compõe o *ethos* do orador; Meyer fortalece a importância [do *ethos*] e comenta a respeito de uma divisão em imanente/projetivo e efetivo; Amossy comprova, por meio da análise de alguns discursos, a existência do *ethos* prévio.

Tendo em vista tais afirmações, surge a questão: se o *ethos* é moldado no discurso e por meio da linguagem, como se comprova a existência do *ethos* prévio, ou seja, aquele anterior à enunciação do discurso? O objetivo deste texto, então, é esclarecer tais conceitos e mostrar as instâncias em que ocorrem.

A motivação para o estudo do assunto surgiu a partir de discussões e observações sobre fatos e pessoas da política brasileira e internacional na segunda década do século XXI. A retórica exercida pelos diversos atores políticos tem se mostrado impregnada de concepções que merecem aprofundamento, notadamente a possibilidade de *ethos* prévio, aquele que se mostra anterior ao discurso. Outro estímulo, mais pessoal, está relacionado ao magistério e à posição que meus alunos têm revelado quando estudamos o assunto. Por isso também, a opção pela pesquisa junto a eles para este trabalho.

Para efeito deste texto, tomamos a palavra discurso em duas acepções: (1) como maneira subjetiva de apreender a linguagem, ela própria entendida

como capacidade, competência inata de se comunicar e (2) como manifestação oral ou escrita, ou seja, o discurso articulado, o ato retórico.

Como parte de um protocolo de estudo tomei como questão principal: “se o *ethos* prévio é moldado no discurso e por meio da linguagem, como se comprova sua existência, ou seja, aquele anterior à sua enunciação?”. Os dados utilizados para ilustrar os conceitos foram, assim, as respostas a questionários propostos a alunos em um contexto acadêmico. As questões se estenderam a professores, para verificar se haveria diferenças.

Foram estudadas as concepções de Isócrates, Aristóteles, Cícero, Quintiliano e autores mais recentes: Maingueneau, Meyer e Amossy, esta última que particularmente associa o conceito de *ethos* prévio à política em diversas instâncias, ainda que este não seja um texto sobre política. A aplicação dos conceitos estudados a um contexto real e contemporâneo motivou, portanto, a pesquisa de campo.

## *Ethos*

Historicamente Isócrates (436-338 a.C.) parece ter sido o primeiro filósofo a se preocupar com o *ethos* quando comenta, em “Elogio a Helena”, que a originalidade do discurso não é um valor em si e não pode, portanto, ser dissociada da harmonia entre os períodos, da sintaxe clara e bem articulada dos elementos acessórios. Para o filósofo, o discurso une elegância, originalidade e clareza; distingue seu enunciador. E a linguagem é o ponto capital que diferencia os homens dos animais, os cidadãos de estilo mais elevado dos que se contentam com o falar cotidiano.

A citação do filósofo “guarde-se contra as acusações mesmo que sejam falsas porque a multidão é ignorante da verdade e olha só a reputação” (obra “Ad Demonicum”, c. 380 a.C.) já mostra o cuidado com o *ethos* quando comenta sobre a imagem do orador. Na obra “Contra os Sofistas”, Isócrates defende a retórica como núcleo essencial de uma formação e ataca aquela meramente formalista e erística praticada pelos sofistas. Combate a filosofia platônica, que julga inapta para a formação ética e política do homem grego. Ao se preocupar com a formação do homem grego como ser ético e político reforça atenção para com a imagem.

Aristóteles (384-322 a.C.) dedica especial atenção ao *ethos* do orador. Concorda que o *ethos* se molda por meio das qualidades morais do orador, mas não é fruto de uma imagem pública, exterior ao discurso. Enquanto

em Isócrates<sup>1</sup> tais qualidades morais moldam o discurso, em Aristóteles o discurso constrói o orador.

Aristóteles, no livro II da Retórica, parte do pressuposto de que o objetivo de toda retórica é obter um julgamento favorável a determinado ponto de vista. Afirma que não basta zelar pelo discurso, é preciso se apresentar perante o auditório de forma a despertar uma disposição favorável. Para o filósofo, o *ethos* (1) pressupõe o *logos* (2) e o *pathos* (3): o segundo, ligado especificamente ao orador, é sua capacidade de convencer por meio do conhecimento, sua capacidade argumentativa, sua lógica; o terceiro, associado ao auditório, seria a habilidade do orador em despertar a emoção no auditório, movê-lo pelo sentimento que provoca.

O Estagirita distingue o exercício da *phrónesis* (ter o aspecto de pessoa ponderada), da *areté* (assumir atitude de um homem de fala franca, que diz a verdade crua) e da *eunoia* (oferecer uma imagem agradável de si mesmo)<sup>2</sup>. O *ethos* seria construído por meio de tais distinções, ou seja, três espécies de *ethé*.

O filósofo pretendia uma *techné* que visasse a examinar não apenas o que é persuasivo nos indivíduos, mas para este ou aquele tipo de indivíduo. A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão por meio da construção dos seus discursos, fornecer uma imagem de si capaz de convencer o auditório e ganhar sua confiança. Embora o *ethos* do orador seja preponderante no discurso, não há como separá-lo do *pathos*, pois os discursos são dirigidos a um auditório. Para isso, é preciso predispor o ouvinte a aderir às ideias e a justificativa fornecida pelo filósofo da retórica é clara:

[...] não se veem as coisas com o mesmo olhar quando se ama e quando se é movido pelo ódio, nem quando se está encolerizado e quando se está calmo; mas tudo se mostra de outra forma ou recebe uma importância bastante diferente<sup>3</sup>.

A primeira função do *ethos* propriamente retórico está ligada à enunciação e não a um saber extradiscursivo, acima do locutor. Esse é um ponto essencial na retórica aristotélica: “persuade-se pelo caráter quando o discurso

---

1 Dessa forma, o *ethos* é discursivo e decorre da enunciação, conforme comenta mais tarde Maingueneau.

2 *Phrónesis* pode ser entendida como a virtude intelectual e a faculdade da razão prática; *areté*, virtude de abrangência moral que acompanha a *phrónesis* nas decisões práticas; e *eunoia* refere-se à benevolência necessária que acompanha o comportamento respeitoso e a atitude do orador frente aos ouvintes (ARISTÓTELES, 2015, p. 116).

3 Aristóteles, s/d, p. 34.

é de natureza a tornar o orador digno de confiança (...), mas é necessário que esta confiança seja o efeito do discurso, não de uma suposição sobre o caráter do orador”<sup>4</sup>. Em outras palavras, para o filósofo, o *ethos* se constitui no e pelo discurso.

Na retórica de Cícero (106-43 a.C.), o orador romano também se refere ao *ethos* (orador), *pathos* (auditório) e *logos* (discurso), dos quais o primeiro seria o elemento mais importante. O caráter mostrado pelo orador é, assim, essencial para obter persuasão, mas está subordinado ao *pathos*, uma vez que sua função é emocionar o auditório. A preocupação de Cícero está em uma eloquência fundada em dois aspectos: ético, porque relacionado à conduta do orador; e patético, visto que busca a adesão pela emoção. [Meyer comenta que a retórica de Cícero “nos introduz em um universo de representação sensível onde as simulações do corpo e do discurso têm a sinceridade por condição e a emoção real por efeito”<sup>5</sup>.]

Cícero associa o *ethos* a manifestações físicas – gestos, tom e intensidade de voz, expressões faciais – que funcionam como reforço à imagem do orador. Essa postura desperta o *pathos* no auditório, que adere aos valores do orador. Dessa forma, o *ethos* seria mais do que textual. É importante mencionar que seu trabalho, publicado na época de ouro do Império Romano, levou os estudiosos romanos a se preocupar com o estilo, com finalidade de envolver plenamente o público. A figura do orador ideal – e aqui podemos pensar *ethos* ideal – deveria levar em conta o plano moral e intelectual (com sabedoria e virtude), além de também político (relacionado ao Estado) e religioso (o orador seria “divino” e pareceria “quase um deus”).

O *ethos* continua destacado em Quintiliano (35-95), que recupera Sócrates, pois está ligado aos atributos morais (integridade, coragem – *ethos*), intelectuais (conhecimento e capacidade de raciocínio – *logos*) e verbais (eloquência – *pathos*), necessários ao orador. A retórica volta a ser a arte do bem falar com preocupação moralizadora, ou seja, é construída pela reputação do orador que está mais relacionada ao *ethos* do que ao *pathos* e *logos*. Embora Aristóteles já comente sobre tais características, Quintiliano tem um viés educacional.

*Institutio Oratoria*, que pode ser traduzida como “A Educação de um Orador”, separa essa obra dos manuais restritos apenas à retórica, pois

---

4 Ibid., p. 122.

5 Meyer, 1994, p. 68.

o orador deveria ser mais do que alguém versado naquela arte, mas um homem dotado de:

uma vida reta e honrada [...] um cidadão ideal, apto a assumir sua parte na condução dos negócios públicos e particulares, capaz de governar cidades por meio do seu sábio conselho, de estabelecê-las sobre uma fundação segura de boas leis e de aprimorá-las através da administração imparcial da justiça<sup>6</sup>.

A partir de um aspecto educativo, o autor deixa entender que o orador precisa ter um *ethos* de pessoa íntegra (vida reta, honrada, justa) e corajosa (homem apto a assumir a condução dos negócios públicos e particulares).

Esses conceitos de retórica perduraram até o século XVI e o *ethos* ora se baseava na figura do orador (Isócrates, Cícero, Quintiliano), ora no discursivo (Aristóteles).

## Dificuldades relacionadas à concepção de *ethos*

Apesar de parecer que os conceitos são claros nos autores comentados, ou seja, o *ethos* é uma prova retórica que se constitui no ato retórico, mostra-se por meio do enunciado e está ligado ao caráter do orador, a modernidade trouxe questionamentos com novas dificuldades a seu entendimento. Enquanto na Antiguidade a fala estava restrita aos mesmos dispositivos de comunicação, a uma disciplina única – a retórica – hoje está dividida em várias disciplinas de ordem discursiva com interesses diversos, que observam o *ethos* sob perspectivas diferentes. Mesmo quando se pensa em *ethos* discursivo, não se pode reduzi-lo a traços verbais, uma vez que existem outras características que precisam ser levadas em

---

6 Quintiliano, 1936, p. 5.

conta, como vestuário, gestos e outros, principalmente quando se refere à oralidade e se encontram no âmbito da enunciação<sup>7</sup>.

Embora observado que o *ethos* está fundamentalmente ligado à enunciação, não se pode ignorar a construção das representações do orador antes que ele se pronuncie, ou seja, antes do falar, essas representações nascem de atributos exteriores, em função da hierarquização natural do dizer em sociedade. Nesse aspecto, a marca institucional marca o orador. Ferreira enfatiza que,

não importa, pois, se orador é ou não sincero: a eficácia do *ethos* é distinta dos atributos reais de quem assume o discurso. Como se infiltra na enunciação sem ser enunciado, são atributos do exterior que caracterizam o orador, mas há, no reconhecimento do *ethos* por um auditório, uma dinamicidade natural de confiança ou desconfiança que ganha corpo à medida que se desenvolve o movimento discursivo [...] Nessa perspectiva, as representações de mundo, a imagem prévia do locutor construída no imaginário social, a autoridade institucional angariada e a imagem de si projetada na construção discursiva contribuem para a consolidação do *ethos* do orador<sup>8</sup>.

Tais colocações suscitam novas perguntas: o *ethos*, então, está relacionado à imagem de si que o orador deixa transparecer no discurso? Tem a ver com estereótipos e representações sociais? Com imaginários sociodiscursivos?

Assim, considera-se importante para este trabalho estabelecer uma distinção entre o que Maingueneau<sup>9</sup> estabelece como *ethos* discursivo e pré-discursivo ou anterior, o que Amossy<sup>10</sup> denomina prévio e discursivo, e o que Meyer<sup>11</sup> chama de imanente/projetivo e efetivo. O quadro 1, a seguir, mostra a equivalência desses conceitos conforme esses autores.

---

7 Enunciação é uma instância anterior ao enunciado que, por sua vez, tem a capacidade de fundar a imagem do enunciadador concebido de modo similar à noção de *ethos* trazida da retórica aristotélica. A enunciação está no interior do discurso, ou seja, não é uma realidade da língua. É da enunciação que vêm as orientações para o sentido do enunciado. “Constitui a base da relação entre a língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos no enunciado; por outro, constitui-se, por si mesma, um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). A compreensão do enunciado – oral, escrito ou organizado por meio de múltiplas linguagens – pressupõe sempre a situação de enunciação. Assim, enunciação pode ser vista como atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciadador, aquele que fala ou escreve. No campo dos estudos da linguagem, o conceito de enunciação apresenta variações em seus conceitos, conforme a abordagem teórica. Sem enunciação não há enunciado (o dito).

8 Ferreira, 2010, p. 21.

9 Maingueneau, 1997; 2013.

10 Amossy, 2005.

11 Meyer, 2007.

Quadro 1 Equivalências de conceitos sobre *ethos*<sup>12</sup>

Maingueneau (1997, 2014a e 2014b)	Meyer (2007)	Amossy (2005)	Equivalência	Exemplo
<i>ethos</i> pré-discursivo; anterior	<i>ethos</i> imanente e/ou projetivo	<i>ethos</i> prévio	imagem prévia	o que o auditório imagina a respeito dos indivíduos ou instituições antes de suas manifestações discursivas
<i>ethos discursivo</i>	<i>ethos</i> efetivo	<i>ethos discursivo</i>	imagem discursiva	imagem que o auditório constrói dos indivíduos e instituições durante e após o discurso

Existem discursos ou circunstâncias em que não é necessário que o auditório esteja preparado para representações prévias do *ethos* do orador: avisos genéricos em uma escola, por exemplo. Porém o discurso, normalmente, apresenta complexidade. Pensemos no domínio político. Nele, grande parte dos locutores está associada a um *ethos* relacionado aos antecedentes morais, éticos e atribuições de caráter, que pode ser confirmado ou invalidado. Aqui nos referimos à existência de um *ethos* prévio, construído com base no histórico do sujeito, em sua posição social e institucional.

É possível que, em algumas situações, não seja necessária a distinção entre prévio e discursivo, pois cada discurso se desenvolve no tempo (alguém que retoma a palavra já adquiriu certa reputação que a continuação de sua fala pode confirmar ou não). Esse é um caso típico que reforça a existência de um *ethos* prévio que se efetiva ou é reconstruído discursivamente. Trata-se do empreendimento de um orador no ato de falar.

Outros problemas relativos à constituição do *ethos* derivam da interação de ordens de fatos muitos diversos: os índices sobre os quais se apoiam o orador vão da escolha do registro da língua e das palavras ao planejamento textual e passam pelo ritmo e fluxo. O *ethos* se constrói, assim, por meio de uma percepção complexa que mobiliza a afetividade do intérprete, que

12 Elaborado pela autora.

extraí suas informações do material linguístico e do meio. Além do mais, se o *ethos* é um efeito do discurso, supõe-se possível delimitar o que depende do discurso.

Nesse sentido é viável concordar que o *ethos* se mostra também em um texto escrito, se o considerarmos como ato retórico, embora se tenha dito há pouco que não há necessariamente um prévio ou imanente. Existem sempre elementos contingentes no ato de comunicação para os quais é difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, mas que influenciam na construção do *ethos*. Apesar de teórica, trata-se de decisão sobre observá-lo como material verbal, dar poder às palavras ou sobre integrar elementos externos na sua composição (vestimenta, gestos...). O problema é, sobretudo, mais delicado à medida que o *ethos* é, por natureza, um comportamento que articula verbal e não-verbal para provocar no auditório os efeitos que, em sua totalidade, não se devem somente às palavras.

Os conceitos atuais não são idênticos aos da retórica antiga (embora guardem semelhanças importantes) e a fala não está mais restrita pelos mesmos dispositivos; a retórica, que era disciplina única, explodiu em diversas outras teóricas e práticas<sup>13</sup>, com interesses distintos e captam o *ethos* de formas diversas:

- é uma noção discursiva (constrói-se por meio do discurso, não é uma imagem do orador, exterior à fala);
- está profundamente ligado a um processo interativo de influência do outro;
- é uma noção híbrida (sociodiscursiva), um comportamento julgado socialmente, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma em uma conjuntura sócio-histórica determinada.

É com esse espírito que Maingueneau apresenta sua concepção de *ethos* que se inscreve no quadro da análise do discurso: mesmo com problemática diferente, não está fundamentalmente distante das linhas da concepção aristotélica, ou seja, ele é construído: o orador não diz o que é ou como é, não descreve suas características, mas deixa entrever, discursivamente, uma imagem de si “não diz que é simples e honesto, mostra-o através de sua

---

13 Relações Públicas, Comunicação, Comunicação Social...

maneira de se exprimir (...) o *ethos* está vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso”<sup>14</sup>. Dessa forma, está integrado à discursividade, ou seja: implica “uma transversalidade à oposição entre oral e escrito”<sup>15</sup>, um modo de habitar o espaço social. Esse autor supõe que a noção de *ethos* permite, de fato, refletir sobre o processo geral da *adesão* dos sujeitos a certo posicionamento. Tal adesão fica mais evidente quando se trata de discursos publicitários, filosóficos, políticos. A partir de estereótipos determinados, encarna o que eles determinam.

Em qualquer caso, o conteúdo é indissociável do *ethos* de um corpo enunciativo e só tem existência intertextual. Em outras palavras, o conteúdo do discurso do indivíduo não tem existência separada da sua imagem. É veículo dela. Assim, a imagem perpassa o discurso e este constrói a imagem.

É preciso considerar ainda que existe uma separação entre o *ethos* desejado e o efetivo. Ou seja, o orador tem em mente determinado assunto que precisa elaborar, imagina o auditório e cria seu texto em função desse auditório. Tal fato não significa que (o auditório) vá compreender efetivamente e receber o assunto conforme desejado pelo orador, pois tal recepção depende da leitura que se faz e, também, do conhecimento de mundo daquele que recebe.

Quando se trabalha sobre textos associados a gêneros, há um apagamento do enunciador, que não impede caracterizar a fonte enunciativa em termos de *ethos* validado. Nos casos de textos científicos ou jurídicos, por exemplo, a validação, além do indivíduo que produziu materialmente o texto, é uma entidade coletiva (sábios, homens da lei...). Essa entidade coletiva representa entidades abstratas (a Ciência, a Lei) das quais é esperado que cada um de seus membros assuma o poder ao tomar a palavra. Uma vez que dentro de uma sociedade toda voz é socialmente avaliada (discurso científico ou jurídico, por exemplo), nesse caso, tal voz é inseparável de mundos bem caracterizados (juízes austeros em um tribunal). Haveria a possibilidade de se pensar em *ethos* prévio, porém existe um *ethos* institucional, que não é o do orador e que se impõe previamente sobre ele.

Maingueneau afirma que o *ethos*, “diferentemente dos dois outros polos da tríade *ethos-pathos-logos* é um estatuto instável: às vezes é dado um papel periférico no dispositivo retórico, às vezes somos tentados a dar-lhe um papel central”<sup>16</sup>. Reforça que, para os analistas do discurso, diferentemente dos retóricos, o *ethos* não pode ser reservado a certos usos, especialmente

---

14 Maingueneau, 1997, p. 138.

15 Ibid., p. 48.

16 Id., 2013, on-line.

em situações oratórias, sejam deliberativas, judiciais ou epidíticas. O orador liberaria, no momento da fala, uma representação de si e comprometeria seu domínio sobre sua própria palavra, por isso o autor concorda que não existe um conceito teórico claro.

O autor reforça que o *ethos* é uma interação entre vários fatores: o pré-discursivo, anterior; e o discursivo, aquele mostrado. Os dois refletem fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação e não existe um marco definido entre um e outro. Em outras palavras, o *ethos* não é dito, mas percebido. Existem pistas para que tal aconteça: no texto escrito, por exemplo, contam tipografia, escolha das palavras, ritmo, material linguístico, que auxiliam o leitor a compor uma imagem; na oralidade, o *ethos* pode ser resultado de uma visão física (caracteres do orador) ou abstrata (caráter, moral, ritmo, ar, tom). Pode ser concebido como singular (um indivíduo) ou compartilhado (grupos, instituições), mas parece estar sempre implícito, uma vez que não se diz: sou isso e não aquilo.

Se, em 2013, o autor retorça que o *ethos* não é dito, mas percebido pelo auditório por meio do discurso, em 2014 retoma, explora a questão e vai de encontro ao que havia explicado, ao reconhecer a existência de duas categorias *ethos* dito (informações sobre si que o enunciador explicita textualmente) e mostrado (o que o enunciatário percebe a partir de outros enunciados), em situações principalmente ligadas a comunicações via internet. Essas situações demandam três estratégias na relação entre *ethos* dito e mostrado: pode haver (1) uma ruptura, caso haja divergência entre um e outro; (2) uma convergência entre eles, quando o dito se sustenta pelo mostrado e (3) um “desaparecimento do dito, em proveito somente do *ethos* mostrado”<sup>17</sup>, mas não explica a terceira estratégia.

No mesmo ano, em outro artigo<sup>18</sup> (*Le Recours a l’Ethos dans l’analyse du discours littéraire*), Maingueneau mantém essas duas categorias, mas retoma a questão do pré-discursivo e passa a denominá-lo como *ethos anterior*, uma vez que ambos estão no interior do discurso, ou seja, esse *ethos* anterior seria elaborado a partir de discurso. O autor utiliza como exemplo, personalidades que ocupam a cena midiática ou escritores bem conhecidos, que teriam *ethos* anterior, mas aqui já teria havido manifestações que o construísem.

Para Amossy, assim como em Aristóteles, o *ethos* é distinto dos atributos “reais” do orador, embora ligado a ele na medida que esteja na fonte da

---

17 Id., 2014a, p. 18.

18 Id. 2014b.

enunciação. É do exterior que o *ethos* caracteriza esse orador. O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são, em realidade, intradiscursivos, uma vez que estão associados a uma maneira de dizer, pois interferem também na elaboração dos dados externos à fala propriamente dita (mímica, roupa e outros).

Em última instância, a questão do *ethos* estaria relacionada à da construção da identidade. Cada tomada de palavra, por sua vez, faz com que sejam levadas em conta as representações que o orador e o auditório elaboram um do outro e orientam o discurso de maneira que se crie identidade. Ao se falar sobre representações, o *ethos* se aproxima dos papéis sociais, porém não se limita a eles. O que se teorizou até o momento parece referir-se a pessoas, ao falante, porém é possível ampliar esses conceitos e aplicá-los a grupos de pessoas e mesmo a instituições.

Conforme a autora, a relação entre o *ethos* prévio (imagem preexistente do orador) e discursivo (imagem que ele constrói em seu discurso) influi nas estratégias do orador para produzir uma impressão favorável de si. É possível apagar uma impressão negativa e construir uma imagem positiva, ou seu contrário, por meio do discurso. Um exemplo conhecido é de John D. Rockefeller, magnata do petróleo no início do século XX, que possuía um *ethos* altamente negativo, de empresário predador. Era mostrado, por meio de caricaturas e mesmo nos noticiários, como vilão impiedoso. Após campanha de Relações Públicas, que incluiu mudança de discurso e postura, passou a ser tratado como pessoa venerável. O *ethos* que predominou tem sido o de empresário ético e filantropo.

Ainda segundo Amossy, porém em outra perspectiva, o *ethos* prévio seria aquele que precede à construção da imagem no discurso. Nesse caso, estaria ligado à noção de estereótipo, que desempenha papel essencial no estabelecimento do *ethos*.

A ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma *doxa*, isto é, que se indexem em representações partilhadas. [...] que sejam relacionadas a modelos culturais pregnancies<sup>19</sup>, mesmo se se tratar de modelos contestatórios<sup>20</sup>.

---

19 Pregnante: que causa uma impressão forte. A fraternidade é um exemplo de ideal pregnant. O Super Homem pode ser considerado um modelo cultural pregnant.

20 Amossy, 2005, p. 125.

O texto implica que a estereotipagem consiste em representações culturais cristalizadas que afetam a *doxa*: personalidades conhecidas normalmente são percebidas por meio de sua imagem pública divulgada nas mídias. Nesse sentido, a imprensa auxilia na construção de tais *ethé*. Assim, essas personalidades possuem um *ethos* prévio veiculado.

Para Meyer, “falar é levantar uma questão (...) é evocar uma questão, mesmo que seja a título e sob a forma de resolução”<sup>21</sup>, assim, tudo que é dito pode ser contradito:

[...] negação e interrogação mantém um certo tipo de pressuposto, enquanto outras implicações não resistem a esse duplo texto. Os subentendidos e também aquilo que é posto num enunciado, para retomar a terminologia de Ducrot<sup>22</sup>.

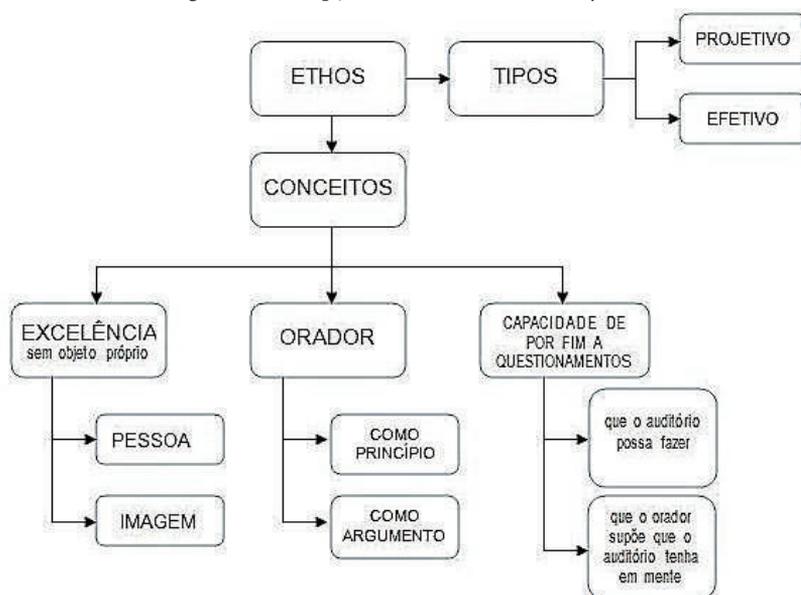
“A relação entre implícito e explícito define a argumentatividade da linguagem”<sup>23</sup> e, na alternância da palavra (enunciador/enunciatário), pergunta e resposta adquirem uma inferência dialética altamente argumentativa. A argumentatividade está, então, no cerne da problematologia da linguagem. A retórica, dessa forma, é vista como a integração de implícitos, subentendidos e pressupostos, uma vez que a linguagem é a representação factual e, por isso mesmo, perpassada pelo crivo pessoal. A existência de implícitos, subentendidos e pressupostos, pressupõe uma problematologia mostrada por meio de *ethos*, *pathos* e *logos*, dos quais nos interessa, para este trabalho, o primeiro. A figura 1 demonstra a complexidade do *ethos* segundo Meyer.

---

21 Meyer, 2009, p. 205.

22 Ibid., p. 208.

23 Ibid., p. 211.

Figura 1: Concepção de *ethos* conforme Meyer<sup>24</sup>

O autor afirma que o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si. Trata-se daquilo que o torna exemplar aos olhos do auditório que, então, se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo. Quando Meyer reforça que “o *ethos* é o orador como princípio e também como argumento de autoridade”<sup>25</sup>, aprofunda o conceito em relação a outros estudiosos da retórica, que o associam ao caráter e à imagem do orador em relação ao auditório.

Assim, o *ethos* adquire uma dimensão não limitada ao enunciador que se dirige a um auditório, nem mesmo a um autor, mas leva em conta o processo discursivo. Nas palavras de Meyer, é um domínio, um nível, uma estrutura e se traduz em: “o *ethos* é o ponto final do questionamento”<sup>26</sup>.

Meyer distingue, então, duas categorias: (1) *ethos imanente* ou *projetivo*, aquele que o auditório imagina com base em informações prévias e (2) *ethos efetivo*, aquele que se constitui de fato (Quadro 1). Entre projetivo e efetivo, o discurso é elaborado e se consolida. Cabe ao orador, mais do que modificar seu discurso e adequá-lo ao que o auditório espera, responder todas as questões suscitadas, ou seja, o *ethos*, segundo o autor, é a capacidade do orador colocar

24 Elaborada pela autora.

25 Meyer, 2007, p. 34-35.

26 Ibid., p. 25.

fim a uma interrogação de desdobramentos potencialmente infinitos. Para isso, ele precisa conhecer as respostas às questões do discurso, não das que o auditório venha efetivamente a fazer, mas daquelas que o orador supõe que possam ser levantadas ou que possam ser pensadas.

Faz parte, portanto, da complexidade verificada, uma contradição ao propor a noção de *ethos* prévio, pré-discursivo/anterior, ou imanente e a afirmação de que o *ethos* é construído unicamente pelo discurso no sentido de ato retórico. Autores importantes como Maingueneau, Amossy e Meyer mencionam esse *ethos* anterior ao discurso, assumindo a contradição. Argumentar que o *ethos* anterior, prévio ou imanente também é discursivo seria fugir do ato retórico, ele, por si mesmo, argumentativo, ou seja, somente tem existência durante o discurso.

A título de ilustração, foi efetuada uma pergunta em instituição de ensino superior a 60 professores (idade entre 30 e 55 anos, ambos os sexos) e uma semelhante a 320 alunos (idade entre 20 e 50 anos, também ambos os sexos) que, creio, nos ajudar a esclarecer se “a imagem de um aluno tende a permanecer após ouvi-lo em sala” e “a imagem do professor se modifica após sua fala”. As respostas à primeira pergunta, aos professores, mostram que a imagem inicial, construída com base no que se ouviu falar a respeito do aluno, se modifica após o discurso em 100% das vezes, ou seja, o *ethos* se constrói no ato retórico. Quanto à segunda pergunta, aos alunos, a imagem do professor é modificada em 92% das respostas. A imagem anterior ao discurso é construída a partir das representações, dos estereótipos criados, do discurso do outro.

## Comentários finais

Embora Aristóteles tenha dedicado especial atenção ao *ethos* do orador, considere-o parte importante do triângulo retórico argumentativo e coloque foco nas qualidades morais e de caráter, o filósofo afirma textualmente que o discurso constrói o orador. O Estagirita não discorreu especificamente sobre a existência de *ethos* prévio. Cícero e Quintiliano também não mencionam *ethos* prévio. Fica uma pergunta: ao expor sobre caráter e esse último sobre vida reta, honrada e justa, indiretamente não estariam colocando tais características anteriores ao discurso?

Os autores da atualidade aqui estudados teorizam e defendem a existência do *ethos* prévio com exemplos retirados da política, da literatura, do discurso midiático. Maingueneau formulou seu conceito de *ethos* pré-discursivo na década de 1990 e passou a denominá-lo como *ethos* anterior a partir de 2014, com finalidade de evitar possíveis confusões inerentes ao termo discursivo.

A pergunta de pesquisa foi respondida: o *ethos* é moldado no discurso e por meio da linguagem, e a existência do *ethos* prévio foi teorizada nas colocações de Amossy (prévio), Maingueneau (pré-discursivo/anterior), Meyer (projetivo/imaneante).

É de se lembrar que Amossy e Maingueneau tratam o *ethos* sob o ponto de vista da Análise do Discurso, enquanto Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Meyer, teorizam sobre o *ethos* retórico, ou seja, há uma diferença importante entre os olhares.

Dessa forma, vemos que as perguntas foram respondidas: o *ethos prévio* está relacionado à imagem, mas não ao ato retórico e tem a ver, dessa forma, com estereótipos, com as representações sociais e com imaginários sociodiscursivos. Assim, o assunto está longe de ser esgotado, uma vez que, para cada um desses temas é necessário um aprofundamento devido à complexidade que comportam.

## Referências

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso – A construção do *ethos***, São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_, **Apologia da Polêmica**, São Paulo: Contexto, 2017.

AristoteLES. **Arte Retórica e Arte Poética**. São Paulo: Ediouro Publicações, s/d.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**, São Paulo: Contexto, 2004.

CÍCERO, M. T. D. **De Oratore**. Dulles, USA: Intl Pub Marketing, 2003

FERREIRA, L.A. **Leitura e persuasão: princípios de anáise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

MAINGUENEAU, **Novas Tendências em Análise do Discurso**, (3ª edição). São Paulo: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_, **Discurso Literário**, São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_, **L'Éthos: um articuleur**, Contextes. 2013. <https://journals.openedition.org/contextes/5772>. Acesso em 2019.

\_\_\_\_\_, **Ethos: Algumas Ampliações e Aplicações Teórico-metodológicas**, In: Análise do Discurso: Entorno da Problemática do *Ethos*, do Político e de Discursos Constituintes, Artigo publicado originalmente com o título “Retour critique sur l’*ethos*, na Revista “Langage & Société – *Ethos* discursif”, nº 149. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2014a, p. 31-48.

\_\_\_\_\_, **Le Recours a l’*Ethos* dans l’analyse du discours littéraire**. Fabula – Lla Recherche en Littérature, 2014b. <https://www.fabula.org/colloques/document2424.php>. Acesso em 2019.

MEYER, M. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_, **Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

\_\_\_\_\_, **Lógica, Linguagem e Argumentação**. Lisboa, Portugal: Editorial Teorema 70, 1982.

\_\_\_\_\_, **As Bases da Retórica. In: Retórica e Comunicação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 1994.

QUINTILIANO, M. F. **Instituições Oratórias**. Tradução de Jeronymo Soares Barboza. Coimbra, PT: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1836